

5. Conclusão.

5.1 Bebedouro.

Volto à introdução deste trabalho para, finalmente, contar mais detalhadamente como seu deu meu encontro com os indícios que me permitiram a re-traçar a trajetória de vida do menino Ludgero. Após a descoberta no *Google* ainda trilhei um longo e ansioso percurso até a esperada confirmação. O site que trazia a citação do nome Ludgero Prestes era um portal do Governo de São Paulo, mais precisamente do Centro de Referência em Educação Mario Covas, que desenvolve um projeto denominado Memorial da Educação que tem por objetivo *implementar uma política destinada a estimular a pesquisa e o registro da história das escolas estaduais paulistas, além de orientar, apoiar e subsidiar projetos de preservação do acervo histórico das referidas escolas*¹. O Memorial da Educação trazia a história da Escola Estadual Abílio Manoel, em Bebedouro – São Paulo, inaugurada em 1913 com o nome de Grupo Escolar de Bebedouro e que teve como seu primeiro diretor o professor Ludgero Prestes. Eram apenas três páginas de texto, e esta única frase fazia referência a um certo Ludgero, mas ao final do texto o site indicava o telefone e o endereço da escola. Não tive dúvidas, liguei, me identifiquei e pedi para falar com a diretora. A professora Nádia prontamente veio ao telefone e iniciamos, além de uma parceria na pesquisa, uma amizade. Utilizo aqui parte de um texto escrito por ela e que narra melhor este primeiro contato.

Acreditamos que gosta de históriasEntão vamos contar uma, bem real e valiosaTudo começou numa manhã de quinta-feira, dia 23/03/06, quando a escola recebe um telefonema de uma professora de história, falando com um sotaque diferente, que gostaria de saber alguma coisa sobre o nosso primeiro diretor. Continuou dizendo que estava realizando uma pesquisa para sua tese de mestrado da PUC do Rio de Janeiro sobre as crianças de Canudos e que um menino teria saído do povoado durante a guerra e que poderia ser Ludgero Prestes. Ficamos emocionados e felizes, pois estamos planejando as comemorações do 94º aniversário da escola, com o nosso Projeto Pedagógico: Reescrevendo a História da EE.Abílio Manoel: rumo ao Centenário.Assim começou uma nova página da história da Escola e iniciou uma grande parceria na investigação deste ilustre personagem.Do outro estado, Rio de Janeiro, Profa. Vanessa e aqui em

¹<hppt// www.crmariocovas.sp.gov.br> acesso em 22 de fev. de 2007.

São Paulo -Bebedouro um grupo de alunos e professores passaram a manter uma interação virtual e amigável²(...)

Após este primeiro momento, mantivemos um contato virtual e telefônico semanal no qual Nádia, com a ajuda dos alunos, localizava nos arquivos da escola todo e qualquer documento da época de Ludgero e eu ajudava indicando locais de possível pesquisa e pessoas na cidade com quem eles pudessem encontrar pistas, tais como cartórios, registro geral de imóveis, historiadores locais dedicados à memória da cidade, etc...

Seis meses de trabalho conjunto se passaram e não chegamos a nenhum documento que nos desse a confirmação de que o professor Ludgero Prestes era o menino Ludgero, trazido por Euclides da Cunha de Canudos, fora a documentação da escola, formada por Livro de Atas, relatórios e fotografias do professor com as turmas. Parecia que Ludgero, que havia sido diretor por um ano, não havia deixado rastro de sua vida na cidade, e, sobretudo, nenhuma referência a seu passado. No entanto, eu havia chegado até ali e não iria desistir com facilidade. Assim sendo, liguei para Nádia, combinamos tudo para uma visita à escola, arrumei as malas e parti para Bebedouro. Se realmente não havia nada, eu queria constatar isso pessoalmente, além, é claro, de querer conhecer meus novos e dedicados cúmplices de jornada. A minha busca havia se tornado atividade extra-classe para os alunos, tinha sido tema de reuniões da maçonaria local e mobilizado até o prefeito, um dos ex-alunos da escola.

Bebedouro fica a cerca de 380 km. de São Paulo capital, viajei, portanto, aproximadamente uns 900 km. do Rio até lá. A cidade tem cerca de oitenta mil habitantes, fez parte do ciclo do café e, depois da crise de 1929, este cultivo foi substituído pelo da laranja. O município chegou a ser o maior produtor mundial de laranja e, hoje, produz também cana de açúcar em larga escala. A cidade tem o título de *cidade coração* pela boa receptividade de seus moradores, e, o que a princípio poderia parecer mero *marketing* do folder turístico de apresentação da cidade, acabou demonstrando-se para mim a mais pura verdade.

Cheguei na tarde do dia 13 de setembro de 2006, e segui direto para escola. O encontro com a escola é um capítulo à parte, o exterior da está

² Profª Nádia Aparecida CURSI. Trecho da *Apresentação* lida pela professora por ocasião da palestra que fiz em Bebedouro sobre este trabalho no Teatro Municipal de Bebedouro. Bebedouro: setembro de 2006. (mimeo).

perfeitamente preservado, lindo, todo pintado de cor-de-rosa e branco. O prédio conserva ainda as inscrições indicativas da divisão da *ala das meninas* e da *ala dos meninos*, embora há muito não se utilize mais tal divisão. Internamente têm o pé direito alto, salas bastante espaçosas, computadores, e uma boa infra-estrutura para alunos e professores. A fachada se abre para uma praça no centro da cidade que foi construída sobre um antigo cemitério, o que, como é fácil imaginar, deu origem a várias histórias de aparições noturnas. Na escola, indicaram o hotel que haviam reservado para mim. Nádia havia saído e só viemos a nos conhecer pessoalmente à noite.

No dia seguinte pela manhã fui para o Teatro Municipal da cidade, onde dei uma palestra sobre este trabalho para cerca de 500 pessoas, a grande maioria alunos e professores da escola. Após minha apresentação recebi uma singela homenagem dos alunos e da direção da escola com direito a coral, diploma de *Amiga da Escola* e discurso. Foi realmente um momento impar, emocionante. O que começou como uma busca de informação para a dissertação havia se transformado em mobilização que envolvia, além de outros professores, crianças e jovens curiosos sobre a história de sua própria cidade e escola. De uma maneira inusitada, Canudos passava agora por dentro de Bebedouro.

Na saída do Teatro conheci o Sr. Manoel Izidoro Filho, simpático historiador local, que me presenteou com dois livros seus sobre a história da cidade, mas disse que seria difícil conseguir comprovar minha hipótese sobre a origem canudense de Ludgero, pois ele havia dedicado grande parte de seu tempo ao estudo da cidade e não encontrou nada a respeito. Respondi que, levasse o tempo que levasse, eu iria achar as pistas buscadas. Não era, em absoluto, nenhum tipo de presunção de minha parte, mas a firme convicção de que ninguém vive sem deixar rastros.

Seguimos então, a pé, até a escola para um café da manhã com suco de laranja local, apresentação aos professores, encontro com o prefeito e fotos para registrar o momento. Passadas as apresentações, segui com Nádia para sua sala para finalmente ter acesso ao que havia motivado nosso contato, os documentos que mencionavam Ludgero Prestes. No corredor, duas fotos emolduradas das primeiras turmas da escola, em pé e de terno, no pátio, ao lado dos alunos, estava ele, o primeiro diretor, Ludgero Prestes. Nádia havia separado os documentos. Eram livros de registro sobre a administração do grupo escolar, e cada livro tinha

cinquenta folhas rubricadas, uma a uma, as anotações eram manuscritas, datadas e assinadas pelo professor Ludgero e por inspetores de ensino que freqüentemente visitavam o colégio. Pouco a pouco o suposto canudinho se materializava, e já tinha um rosto e uma caligrafia. Comecei a examinar os livros e logo na segunda folha estava transcrito:

O Presidente do Estado resolve nomear o prof. Ludgero Prestes adjunto do Grupo Escolar de Serra Negra para exercer o cargo de diretor interino do Grupo Escolar de Bebedouro. Palácio do Governo de São Paulo aos 7 de abril de mil novecentos e treze (...) Por decreto de 7 de abril de 1913 registrado a fls 19 [sic] do livro competente nº 3. Secretaria do Interior.

Festejei a descoberta: afinal, era só achar o tal *livro competente* e ver se achava alguma pista, que poderia ser seu número de matrícula como professor, ficha de inscrição, ou qualquer documento que fornecesse algum dado pessoal tal como número de registro de identidade ou filiação. Precisava descobrir onde estava a documentação da Secretaria do Interior, já que a criação da Secretaria de Educação de São Paulo foi posterior ao registro encontrado em Bebedouro. De qualquer maneira, a visita a Bebedouro havia indicado o próximo passo da pesquisa. Deixei meus novos amigos muito feliz por ter podido conhecê-los e cheia de esperanças, com certeza estava mais perto do meu objetivo e, melhor ainda, não estava mais sozinha, pois podia contar com aquela grande e carinhosa torcida.

5.2 De volta a São Paulo.

Se o Ludgero de Bebedouro era o menino de Canudos adotado por Gabriel Prestes, amigo de Euclides, ele provavelmente teria estudado na Escola Caetano de Campos em São Paulo. Esta hipótese sustentava-se no fato de Gabriel Prestes ter sido diretor da Escola na época em que recebeu o menino. Liguei para o Memorial da Educação e perguntei se a documentação da escola estava preservada. Estava! Diógenes, um dos funcionários da instituição, mandou-me um Email dias depois. Ludgero tinha sido aluno da escola, durante toda sua vida escolar e seus registros estavam disponíveis. Agendamos minha visita e voei para São Paulo.

Ao chegar lá, Diógenes, que sem dúvida faz jus ao nome que leva, me recebeu com toda a documentação referente ao aluno Ludgero já separada. Tive acesso aos Livros de Matrícula, às notas que teve nas várias disciplinas escolares e ao registro de seu diploma. Na primeira matrícula escolar no primário, na coluna destinada à filiação aparece Gabriel Prestes como seu tutor e sua origem é Bahia, Já na segunda matrícula, sua filiação aparece como ignorada. Nas matrículas subsequentes Gabriel volta a figurar como tutor. No último ano do curso complementar, ou seja, no curso de formação como professor primário, no espaço destinado ao registro da filiação aparece não mais a referência a Gabriel Prestes como tutor, mas o nome de João Luiz. No registro de seu diploma temos novamente o nome de João Luiz, e o lugar de origem do formando aparece claramente assinalado: *Canudos (Bahia³)*.

Apesar da emoção ao ler essa informação e ao ter contato direto com a documentação, isto ainda não comprovava nada. Até ali o professor Calasans já tinha chegado, uma vez que informa que o menino canudense de nome Ludgero se formara professor primário em 1908, tendo como base empírica a carta que Ludgero mandara a Euclides da Cunha e na qual participa sua formatura. O que era preciso era encontrar evidências de que, este Ludgero de Canudos era o diretor do Grupo Escolar de Bebedouro que levava este mesmo nome.

No Rio de Janeiro já havia feito uma infrutífera tentativa de consultar o *Diário Oficial do Estado de São Paulo* na Biblioteca Nacional, que possui os exemplares, mas estes encontram-se encaixotados, não catalogados e, portanto, não disponíveis para consulta. Uma vez em São Paulo, fui para a Imprensa Oficial na esperança de que o decreto que tinha encontrado manuscrito em Bebedouro me levasse a alguma outra pista. A Imprensa Oficial paulista foi uma grata surpresa, extremamente organizada, com exemplares encadernados em brochuras separadas por mês e ano de edição. A pesquisa foi rápida, já que eu tinha a data exata, tirei as cópias do decreto que nomeou um Ludgero Prestes diretor do grupo escolar de Bebedouro. O decreto não trazia nenhuma indicação de número de matrícula, números de documentos pessoais, ou qualquer outra indicação com novas informações: era apenas a reprodução fiel do documento que havia lido em

³ *Livro de registro de diplomas de Habilitação do curso complementar*. Escola Normal da Capital (SP).

Bebedouro. Por uma sábia sugestão de uma amiga que trabalhou a vida toda no Tribunal de Justiça, acostumada a lidar com decretos e nomeações, olhei os exemplares posteriores. Ela havia me informado que, normalmente, o decreto é publicado em um dia e a posse é publicada dias depois. Não encontrei a publicação do registro de posse do cargo, mas poucos dias após o decreto de nomeação de Ludgero Prestes havia um pedido de transferência, também de Serra Negra para Bebedouro, de uma professora de nome Beatriz da Cunha Lima Prestes. Naquele momento eu não tinha dúvidas. Só poderia ser a mulher de Ludgero. Agora ele tinha um rosto, uma caligrafia e uma esposa.

Durante uma semana inteira me dividi entre a Imprensa Oficial e o Arquivo Público de São Paulo na busca de alguma indicação que comprovasse que tratava-se do mesmo Ludgero. No Arquivo encontrei apenas a assinatura de Beatriz e Ludgero, ainda como professores de Serra Negra, em um abaixo assinado por melhorias no ensino da língua portuguesa. Voltei então à Imprensa Oficial com o seguinte raciocínio: se Beatriz pedira transferência de Serra Negra para Bebedouro, em algum momento anterior ela foi admitida em Serra Negra como professora. Precisava achar o decreto de sua nomeação para verificar se ela entrara na escola solteira ou já casada. A partir daí, foi procurar agulha no palheiro. Não tinha idéia do ano, nem do mês, quanto mais do dia de sua nomeação. Resolvi arbitrar o ano seguinte à formatura de Ludgero, ou seja, 1909 como minha data inicial para a busca do ingresso de Beatriz na escola, na suposição de que ambos tivessem mais ou menos a mesma idade. Era uma simples suposição, pois ela poderia muito bem ser mais nova que o marido, mas era preciso partir de algum lugar. Conversei com os funcionários da Imprensa Oficial, que me olharam com misto de horror e piedade. Como assim? Eu queria olhar dia a dia os *Diários Oficiais* de 1909 a 1913, data em que o casal foi para Bebedouro? Dois dias depois, já era conhecida na Imprensa Oficial. Toda manhã um carrinho de brochuras era estacionado ao meu lado e ficava lá até o fim do dia, quando terminava o expediente. No terceiro dia a sorte finalmente sorriu pra mim. Em janeiro de 1910 Beatriz da Cunha Lima entrou como *complementarista* na Escola de Serra Negra. Estava ali o que eu precisava: Ludgero e Beatriz casaram-se em Serra Negra, antes de irem para Bebedouro.

5.3 Resposta ao professor Calasans.

A partir deste ponto foi só efetuar uma pesquisa na Internet sobre os cartórios existentes em Serra Negra, localizar o mais antigo e entrar em contato com os funcionários. Grande parte dos cartórios de São Paulo está informatizada, o que facilitou muito a pesquisa. Cerca de quinze dias depois do primeiro contato recebi em casa, pelo correio, uma cópia da certidão de casamento de Ludgero e Beatriz. Este documento me deu a tão buscada confirmação, pois dele constava um registro precioso: o noivo, Ludgero Prestes, era nascido em Canudos- BA, há 21 anos, filho de João Luiz e Maria Luiz. O professor Ludgero Prestes cujo rosto adulto e a caligrafia eu já conhecia, era o jaguncinho trazido do palco do conflito por Euclides da Cunha. A pergunta formulada pelo professor Calasans estava respondida. Depois de 1908, Ludgero foi professor em Serra Negra, Diretor Interino do Grupo Escolar de Bebedouro e professor em Amparo onde faleceu em 13 de outubro de 1934, com quarenta e três anos de idade, de câncer de fígado. Deixou quatro filhos, três meninos, sendo dois gêmeos e uma menina, com idades entre 21 e 18 anos por ocasião de sua morte.

5.4 Um olhar para o fim e outro para o futuro.

O pesquisador Roberto Ventura afirmou certa vez que Canudos e o Conselheiro incomodavam Euclides da Cunha porque ameaçavam a linha reta pela qual Euclides, definia a si próprio desde a juventude. Pode ser que as casas do arraial, construídas sem um planejamento aparente, tenham impressionado o engenheiro, que registra nas páginas de *Os Sertões* sua sensação de que a cidade tivesse sido sacudida por um terremoto, e que o comportamento do conselheiristas, ao se atirarem na fogueira em que suas casas haviam sido transformadas pelo exército na tomada final de Belo Monte, desviassem o olhar de Euclides da metáfora da linha reta.

Presente à rendição do dia 2 de outubro, Euclides classificou a cena como uma marcha verdadeiramente fúnebre

Nenhum rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, (...) mulheres, sem-número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados às costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos

*arrastados pelos braços, passando; crianças, um sem número de crianças(...)*⁴

Na marcha tocante do fim, os olhos do escritor voltaram-se para um velho, mas também para uma criança. O primeiro, na sua avaliação um octogenário, andava devagar, mas não vergado, e, de vez em quando, parava para contemplar as ruínas da igreja do arraial. Nas mãos, por entre os dedos, viam-se as contas de um rosário – ele rezava. Já a criança, no colo de uma velha, chamava a atenção por ter a face esquerda arrancada, provavelmente por estilhaços de granada, os ossos à mostra na ferida não cicatrizada. O lado direito do rosto sorria. Euclides qualifica aquele sorriso de apavorante, incompleto e dolorosíssimo.

Sobre esta marcha do fim da guerra, temos apenas relatos daqueles que, assim como Euclides, estiveram presentes ao conflito. No entanto, o momento seguinte foi registrado pelas lentes de Flávio de Barros e está eternizado na fotografia *Rendição dos Conselheristas em 2 de outubro*, já analisada no capítulo 2 desta dissertação, gostaria ainda de voltar, mais uma vez, a ela. Esta fotografia é central para este trabalho, não apenas porque é a única foto de um grupo de Conselheristas, ou por ser uma imagem impactante do fim, mas por ser justamente ela que nos permite acesso ao maior número de rostos de crianças de Belo Monte. As que aparecem retratadas ali são apenas aquelas que permaneceram até o fim no arraial. Muitas outras, àquela altura, já haviam sido distribuídas, outras tantas encontravam-se nos improvisados hospitais de campanha, algumas não haviam sobrevivido, talvez algumas já tivessem sido socorridas pelo Comitê, diversas já estariam nos acampamentos em companhia dos soldados e dos oficiais.

Ludgero não está na foto, pois naquele dia já se encontrava aos cuidados de Euclides da Cunha. Na *Caderneta de Campo* do Escritor há uma anotação datada de 22 de setembro de 1897:

*Noto com tristeza que o jaguncinho que me foi dado pelo general (Artur Oscar) continua doente e talvez não resista à viagem para Monte Santo*⁵.

Sabemos que o jaguncinho resistiu não só ao trecho até Monte Santo, como também que cresceu, estudou, fez-se professor, constituiu família e viveu

⁴ CUNHA. Op. Cit. p. 750.

⁵ CALASANS. Op. Cit. p. 92.

até os 43 anos de idade. A sua chegada a São Paulo também aparece noticiada na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro do dia 22 de outubro de 1897:

Na Estação do norte, o Dr. Euclides era esperado pela redação de O Estado e por muitos amigos. Em companhia do Dr. Euclides veio um jaguncinho de sete anos, que ficará sob proteção do Dr. Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal. O jaguncinho não tem pai nem mãe, é muito vivo e narra com precisão admirável todos os episódios sangrentos dos últimos combates nos quais ele perdeu os pais⁶.

Ludgero não está na foto, mas poderia muito bem ser um daqueles meninos fotografados, com quem ele deve ter convivido em Belo Monte. No dia 2 ainda estava em Canudos, quem sabe na tenda de campanha de Euclides, ou mesmo ao lado dele, possa ter presenciado a marcha triste do fim, nunca o saberemos ao certo. O que é possível saber, é aquilo que o jornal registra: perdeu pai e mãe e guardou vivamente na memória os *episódios sangrentos* que lhe legaram a nova condição de órfão de guerra. Criado por Gabriel Prestes formou-se professor primário, por Euclides, guardou estima e, ao que parece, gratidão. Com o escritor manteve, ou ao menos retomou contato. Em 1908 enviou-lhe uma carta na que contava sua formatura. Não foi possível localizar a carta de Ludgero, mas está preservada a resposta de Euclides:

Ludgero Prestes, Recebi a sua prezada carta de 3 do corrente; li-a com surpresa indescritível, verdadeiramente encantado; e não poderei traduzir-te a minha comoção ao ver aparecer-me quase homem - e homem na mais digna significação da palavra- o pobre jaguncinho que me apareceu pela primeira vez há onze anos no final de uma batalha. Mas na mesma ocasião associei-te à recordação de um amigo a quem deves muito mais do que a mim. O que fiz foi, na verdade, muito pouco: - o trabalho material de livrar-te das mãos dos bárbaros e conduzir-te a São Paulo. A minha ação verdadeiramente única foi confiar-te a Gabriel Prestes. A ele, sim, deves a tua maior e incalculável gratidão. Quero que me estendas sempre a tua mão de amigo - mas a Gabriel Prestes deves devotar, incondicionalmente, todo o seu coração. Ao lado de sua fotografia veio a tua carta e nesta vi refletir um espírito capaz de grande desenvolvimento. O modesto professor complementar de agora – iniciado, como foi, na vida, por um mestre daquele porte, há de subir mais alto. Mas ainda que isto não aconteça, a tua posição atual já é um triunfo. Continua, portanto, na trilha que te aponto um dos mais belos caracteres que

⁶ Idem. Ibidem p. 93.

conheço e sempre que puderes manda notícias tuas a quem também se preza de ser teu amigo muito afetuoso.

*Euclides da Cunha*⁷.

Em um ponto Euclides estava certo. Seu jaguncinho, modesto professor complementar de 1908, subiu mais alto, e cinco anos depois de sua formatura viria a ser diretor do Grupo Escolar de Bebedouro. Quanto à afirmativa de sua *posição atual já ser um triunfo* depende da leitura que for feita. Se for pelo fato dele ter sobrevivido à guerra e à doença que o acometia quando ele e Euclides se conheceram, realmente pode ser visto como um triunfo. Por outro lado, se o comentário for lido pela ótica de *sua posição atual já um ser triunfo* por ele ter sido um *pobre jaguncinho* que convivia com *bárbaros* teríamos aí, mais uma vez, a velha marca de origem que vimos aparecer em vários documentos que se referiam às crianças de Belo Monte ao longo desta dissertação. Qual a motivação de Euclides ao fazer o comentário, não saberemos nunca.

Emblemático e merecedor de reflexão é o fato de que, livre das *mãos dos bárbaros*, ao dar início ao seu processo de inserção no mundo considerado como civilizado ao ser matriculado na Escola, Ludgero ganha uma data de aniversário - 15 de novembro. Não sei se esta é a data real de seu nascimento, mas me parece coincidência demais, parece muito mais significativo que esta tenha sido a data escolhida para marcar a conquista do butim simbólico da guerra que era o menino jagunço naquele momento. A data escolhida para marcar seu novo nascimento, registrava que ele nascia para uma nova vida entre os civilizados no dia da proclamação da República.

Outro fato significativo na trajetória de Ludgero, igualmente de caráter simbólico, e que merece reflexão, diz respeito à questão da memória. Não é possível aferir que lembranças, exatamente, ele guardou, *de cor*, da guerra que testemunhou, dos pais, de seus dias no arraial. No entanto, quando ele estava no último ano de formação, e teria 17 para 18 anos, seu registro escolar muda, e, ao invés de Gabriel Prestes como tutor, aparece pela primeira vez o nome de seu pai – João Luiz, assim mesmo, com um sobrenome que é um nome próprio, provavelmente como o menino de 7 anos lembrava que seu pai era chamado. Na sua certidão de casamento, apesar de assumir para si o sobrenome Prestes, que usou por toda vida, seus pais são João e Maria Luiz, e sua origem é inequívoca:

Canudos. Estes indícios documentais permitem deduzir que, mesmo levado para São Paulo, desterrado de Belo Monte, o menino Ludgero não esqueceu sua origem jagunça- o apagamento da memória, neste caso, não se efetivou de todo.

A foto do professor Ludgero, de terno escuro, no pátio do Grupo Escolar de Bebedouro, em meio a crianças tão bem vestidas, engomadas, penteadas, posando para o fotógrafo, em nada faz lembrar a imagem de desalento dos últimos dias de Canudos da foto da rendição de 2 de outubro, que registra crianças esqueléticas, semi-nuas, encolhidas, esfomeadas e sedentas. São duas realidades tão díspares que parecem não se tocar, mas ali, ainda que tão distante do sertão, está o elo que une os dois momentos – Ludgero, agora Prestes, que se correspondeu com Euclides da Cunha, que homenageou o tutor que o acolheu ao dar ao primeiro filho o nome de Gabriel, mas que levou consigo João Luiz, Maria Luiz e Canudos.

⁷ Idem. Ibidem. p. 94.



Ludgero Prestes como Diretor do Grupo Escolar de Bebedouro

Acervo Escola Estadual Abílio Manoel- Bebedouro (SP)

Figura 12